

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ**  
**HISTÓRIA**

**RAISSA RINALDI BERLEZE**

**OS SOLDADOS ESQUECIDOS: A PARTICIPAÇÃO DA FEB EM BATALHAS NO  
TERRITÓRIO ITALIANO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1943-  
1945)**

**Ribeirão Preto – SP**

**2022**

**RAISSA RINALDI BERLEZE**

**OS SOLDADOS ESQUECIDOS: A PARTICIPAÇÃO DA FEB EM BATALHAS  
NO TERRITÓRIO ITALIANO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL  
(1943- 1945)**

Trabalho de conclusão de curso do curso de  
História do Centro Universitário Barão de  
Mauá para a obtenção do título de licenciatura.

Orientador: Me. Rodrigo de Andrade Calsani

**Ribeirão Preto – SP**

**2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

B514s

Berleze, Raissa Rinaldi

Os soldados esquecidos: a participação da FEB em batalhas no território italiano durante a Segunda Guerra Mundial (1943-1945) / Raissa Rinaldi Berleze - Ribeirão Preto, 2022.

43p.il

Trabalho de conclusão do curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Rodrigo de Andrade Calsani

1. Força expedicionária brasileira 2. Segunda Guerra Mundial 3. Pracinhas I. Calsani, Rodrigo de Andrade II. Título

CDU 94(100)

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB<sup>8</sup> 987

**RAISSA RINALDI BERLEZE**

**OS SOLDADOS ESQUECIDOS: A PARTICIPAÇÃO DA FEB EM BATALHAS  
NO TERRITÓRIO ITALIANO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL  
(1943- 1945)**

Trabalho de conclusão de curso do curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá para a obtenção do título de licenciatura.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Rodrigo de Andrade Calsani  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

---

Prof. Dr. Felipe Ziotti Narita  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

---

Prof. Me. Rafael Cardoso de Mello  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto**

**2022**

Dedico este trabalho a todas as pessoas que faleceram vítimas dos horrores da Segunda Guerra Mundial.

## AGRADECIMENTOS

O período da faculdade foi intenso e cheio de surpresas pelo caminho, como uma pandemia, porém não deixou de ser uma fase especial em minha vida, na qual adentrei profundamente nas questões históricas, uma paixão desde a adolescência e infância. Eu me lembro dos momentos em que, mesmo muito pequena ouvia histórias de minhas bisavós, Ermenegilda Milan Berleze e Angelo Berlese (nascidos na Itália) sobre a vinda deles para o Brasil nos navios como imigrantes. O meu amor por história cresceu cada vez mais por conta dos professores que passaram pela minha vida, agradeço a cada um deles.

Agradeço a todos os meus familiares que sempre me apoiaram durante o processo a seguir meu sonho, a minha mãe Angelita Rinaldi Berleze, por ser a pessoa que mais me incentivou a cursar história e ao meu pai Itamar, que desde pequena assistia filmes com temas históricos comigo e esteve comigo em todos os momentos. Amo vocês, pois, sem vocês o sonho não teria se tornado realidade.

Aos meus avós Lucinda, Hilda e Paulo. A minha madrinha Gildinha que durante todo o processo sempre me incentivou a ser professora.

Ao meu noivo Felipe por todo companheirismo, incentivo e apoio.

Sou grata a todos os professores que tive durante a universidade, por todo o conhecimento, aprendizado e apoio nos momentos difíceis.

Ao professor Rodrigo de Andrade Calsani, por sua instrução e orientação, sempre muito carinhoso, atencioso, e por apoiar-me durante todo o trabalho.

Ao professor Yuri de Carvalho, por todo o apoio, cumplicidade, dicas e aprendizado.

Agradeço também a Deus e Nossa Senhora Aparecida por me manter forte durante todo o processo.

## RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar ao leitor a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em batalhas no teatro de operações italiano, durante a Segunda Guerra Mundial, lutando ao lado dos Aliados contra as forças do Reich, que após a prisão de Mussolini em meados de 1943, dominavam a Itália. Para uma melhor contextualização dos fatos faz-se necessário demonstrar a situação interna no Brasil neste período (Era Vargas, Estado Novo), além das relações internacionais brasileiras e as causas do estado de beligerância contra Itália e Alemanha, assim como a situação mundial vivida no período, e o desdobramento do conflito que culminaria na necessidade de enviar os brasileiros para a Itália. Além da parte bélica, o texto apresenta a figura do praça, (soldado de baixa patente), seu cotidiano de guerra, dificuldades e desafios encontrados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Força expedicionária brasileira. Segunda Guerra Mundial. Pracinhas

## **RIEPILOGO**

Il presente lavoro si propone di presentare al lettore la partecipazione del Corpo di spedizione brasiliano (FEB), alle battaglie nel teatro delle operazioni italiano, durante la seconda guerra mondiale, combattendo a fianco degli Alleati contro le forze del Reich, che dopo l'arresto di Mussolini a metà del 1943 dominò l'Italia. Per una migliore contestualizzazione dei fatti, occorre dimostrare la situazione interna del Brasile in questo periodo (Era Vargas, Estado Novo), oltre alle relazioni internazionali brasiliane e le cause dello stato di belligeranza nei confronti dell'Italia e della Germania, nonché come la situazione mondiale vissuta in quel periodo, e lo svolgersi del conflitto che sarebbe culminato nella necessità di inviare brasiliani in Italia. Oltre alla parte bellica, il testo presenta la figura del quadrato (soldato di basso grado) la sua guerra quotidiana, le difficoltà, le sfide incontrate e le esperienze.

**PAROLE CHIAVE:** Corpo di spedizione brasiliano, Seconda Guerra Mondiale. Pracinhas

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Getúlio Vargas, 1941</b> .....	13
<b>Figura 2 - Comparação do comércio brasileiro com Alemanha e Estados Unidos de 1935 a 1938</b> .....	14
<b>Figura 3 - Oswaldo Aranha (esq.) assinando um tratado comercial com o presidente americano Roosevelt (centro)</b> .....	16
<b>Figura 4 - Pearl Harbor (1941)</b> .....	18
<b>Figura 5 - Sugestão ao ministro da justiça sobre a quebra de relações do Brasil com o Eixo</b> .....	19
<b>Figura 6 - Navios brasileiros atacados (1942)</b> .....	20
<b>Figura 7 - Soldados utilizando o lema da FEB como uma forma de “ironia”</b> .....	24
<b>Figura 8 - O dia da vitória!</b> .....	33
<b>Figura 9 - A rendição</b> .....	37
<b>Figura 10 - Expedicionário brodowskiano Antonio Puga, soldado do 6RI</b> .....	38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 GETÚLIO VARGAS E AS RELAÇÕES QUE ANTECEDEM A ENTRADA BRASILEIRA NA GUERRA</b> .....	12
<b>1.1 Vargas e sua oscilação política, econômica e diplomática durante os primeiros anos da guerra</b> .....	12
<b>1.2 O fim da neutralidade brasileira</b> .....	17
<b>1.3 Nasce a Força Expedicionária Brasileira</b> .....	21
<b>2 A COBRA COMEÇA A FUMAR: A FEB NO CAMPO DE BATALHA</b> .....	25
<b>2.1 A chegada à Nápoles e o batismo de fogo da FEB</b> .....	25
<b>2.2 O primeiro revés da FEB e o fantasma de Monte Castelo</b> .....	28
<b>2.3 O árduo caminho para o final da guerra: Montese e a rendição da 148 DI</b> .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## INTRODUÇÃO

O historiador Eric Hobsbawm, em seu livro “A era dos Extremos” (1994), mostra como o advento da Segunda Guerra Mundial mudou o conceito de guerra maciça para a amplitude de uma guerra total, ao contrário da Primeira Guerra, desta vez, o conflito atingiu todos os continentes, de forma a grande parte dos países do globo independentes, terem algum tipo de envolvimento, mesmo sem que houvesse uma vontade iminente de conflito.

O autor mostra como os países da América Latina embora tivessem um envolvimento no conflito, não participaram diretamente da guerra, porém não foi o caso do Brasil, o qual enviou uma divisão inteira de infantaria para lutar ao lado dos Aliados, além de um contingente da Força Aérea.

Esta monografia tem como foco principal pesquisar e compreender a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, especificamente da Força Expedicionária brasileira (FEB). A análise será feita tendo em vista a atuação dos brasileiros no teatro de operações na Itália, ao lado dos Aliados, no qual os expedicionários enfrentaram a poderosa máquina de guerra alemã, uma vez que, com a prisão de Mussolini (julho de 1943), e a decisão de propor um armistício aos Aliados por parte do novo líder italiano, Hitler enviou suas tropas para a Itália com o intuito de continuar a progressão do Eixo.

Ao iniciar a pesquisa, a intenção é desvendar a real participação dos soldados brasileiros da FEB no território italiano, e se, realmente houve uma participação ativa nos campos de batalha, a hipótese inicial a ser comprovada durante o trabalho é que brasileiros participaram de forma direta de confrontos, lutando frente a frente com o inimigo, e tiveram alguma relevância na conquista de territórios; assim não sendo apenas um apêndice no teatro de operações.

O trabalho tem o intuito também de agregar conteúdo às pesquisas já feitas acerca do tema pela academia, o trabalho foi feito baseado em uma metodologia pautada em uma revisão bibliográfica dos melhores livros e autores e foi criado utilizando informações de cunho qualitativo. A pesquisa foi feita de forma a passar informações, muitas vezes desconhecidas, ao leitor sobre a participação brasileira na guerra; o interesse sobre o tema surgiu durante as aulas de Português do meu ensino fundamental, as quais, o professor, filho de um praça, contava para a sala sobre a história de seu pai na guerra e mostrava fotografias (pracinha homenageado ao final do texto). O trabalho também apresentará o praça (expedicionário de baixo escalão), suas condições de vida na guerra, dificuldades, peculiaridades e cotidiano; de forma a apresentar de

forma crítica o “esquecimento” nacional destes soldados, assim como da participação brasileira da guerra como um todo.

Para um melhor estudo sobre esses homens, utilizamos o conceito e corrente historiográfica da História vista de Baixo, proposta pelo historiador marxista Edward Thompson em sua publicação chamada “The History form Below” (1966). O autor, assim como os brasileiros, também foi enviado como soldado para a Itália durante a guerra. Thompson (1966), contrariando as antigas correntes, passa a analisar a história por meio das experiências de pessoas, que até então eram ignoradas, deixando de olhar para os grandes feitos e os grandes nomes da elite, e passou a “explorar a história, do ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante” (BURKE, 1991).

Após a criação do conceito, outros grandes nomes da historiografia passaram a utilizar a mesma linha de pensamento, como Hobsbawm, e a defesa de uma “História das pessoas comuns”. No Brasil, o grande nome desta corrente é o historiador Ronaldo Vainfas, em seu livro “Os protagonistas anônimos da história: micro-história”: o autor defende uma observação reduzida dos fatos, com o foco no cotidiano, trabalhando com pessoas anônimas, que passaram despercebidas pela historiografia tradicional.

Estes autores foram utilizados durante o trabalho como forma de evidenciar e criar um olhar mais crítico, aos homens que, realmente vivenciaram o conflito. Para as pesquisas do nosso primeiro capítulo, de forma a criarmos um panorama do país na época, utilizamos a historiadora Lilia M. Schwarcz, em sua obra “Brasil: uma biografia”, como forma de compreensão sobre o momento interno brasileiro.

Durante a pesquisa sobre a dupla aproximação de Vargas com norte-americanos e alemães, foram utilizados autores como a historiadora Marlene de Fáveri, em seu texto “A repressão no governo Vargas e as medidas coercitivas aos simpatizantes do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial”, assim como o texto do historiador Ricardo Antônio Silva Steitenfus “O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos:1930-1935” (1985) e o texto da doutora em relações internacionais Leticia Pinheiro “A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial”.

A respeito da criação da Força Expedicionária e atuação na Itália foram utilizados inúmeros autores entre eles, a Historiadora Mary Del Priori em “Histórias da Gente brasileira”, assim como o Historiador Anderson dos Santos em seu texto “O Brasil em Guerra: a FEB na Itália”, também foi usado o artigo do professor Elonir José Savian, “A operação encore e a conquista de Monte Castelo: análise da relevância das ações da força expedicionária brasileira no âmbito do XV grupo de exércitos aliados”, e a obra do especialista em temas militares Ricardo Bonalume Neto “A nossa Segunda Guerra, os brasileiros em combate 1942-1945”. O

trabalho conta toda a trajetória brasileira na guerra, mesmo antes da invasão de Hitler à Polônia e a declaração de beligerância brasileira contra o Eixo, é necessário um entendimento dos anos anteriores para a compreensão dos fatos.

No primeiro capítulo da pesquisa, denominado “Getúlio Vargas e as relações que antecedem a entrada brasileira na guerra”, será apresentado ao leitor a situação política e econômica brasileira antes da guerra, com a situação do país durante o governo de Getúlio Vargas e o Estado Novo, assim como as tensões vividas em todo o mundo com o advento de uma nova guerra mundial. Apresenta também as manobras políticas, econômicas e sociais utilizadas pelo presidente para criar uma aproximação bilateral entre Alemanha e Estados Unidos, de forma a extrair vantagens de ambos os lados e permanecer neutro na guerra. A situação de neutralidade brasileira só mudou com o ataque japonês a Pearl Harbor e o afundamento de navios brasileiros pelos alemães e a necessidade da criação da FEB.

O segundo capítulo, chamado “A cobra começa a fumar: a FEB no campo de batalha” trata do tema principal da pesquisa, com a participação brasileira na Itália, desde sua chegada em Nápoles, treinamento, adaptação, qualidade de vida dos soldados, o armamento da tropa, alinhamento ao IV corpo do V exército americano, dificuldades vividas por conta do clima e terreno, condições táticas e estratégicas, assim como a compreensão do inimigo a ser enfrentado.

Foram estudadas batalhas como a conquista das cidades de Montese, Monte Castelo, Massarosa, Caimore, Collecchio e Fornovo di taro. Dentro destes conflitos foram analisadas a atuação brasileira e sua importância. Além da parte bélica, o trabalho possui um olhar crítico quanto ao pracinha, de forma a valorizar e conhecer a vivência da guerra por aqueles que realmente a viveram no front, passando pelas mais difíceis situações, desde a falta de munição à fome.

## **1 GETÚLIO VARGAS E AS RELAÇÕES QUE ANTECEDEM A ENTRADA BRASILEIRA NA GUERRA**

Em 1937, Getúlio Vargas aplicou um golpe de estado e iniciou sua fase ditatorial, chamada de Estado Novo, segundo Schwarcz (2019) a existência de um documento preparando um novo levante de Moscou sacudiu o país, o documento, conhecido como Plano Cohen, tal dossiê possuía instruções aterrorizantes, como saques, fuzilamentos de civis entre outros. O documento na verdade era falso, e foi propositalmente escrito e espalhado para a população, o plano havia sido escrito por coronel Olympio Mourão Filho, responsável pelo serviço secreto integralista.

Em 10 de dezembro do mesmo ano então Vargas cercou o congresso, colocou a polícia militar nas ruas e impôs a população uma nova constituição; ali dava-se início ao Estado Novo e longos anos de ditadura no Brasil.

O novo regime possuía algumas semelhanças com o fascismo europeu, porém não se tratava de um regime fascista. Sua natureza era um autoritarismo pragmático e modernizante, ou como dizia Graciliano Ramos, “nosso pequenino fascismo tupinambá”.

Em 1939, um regime totalitário, o nazismo de Hitler, decide quebrar o tratado de Versalhes, e invadir a Polônia, dando início assim, a Segunda Guerra mundial. Uma guerra que mataria em cerca 50 milhões de mortos. Os dois lados da guerra foram inicialmente formados por Eixo: Alemanha, Itália e Aliados: Reino Unido e França. Com o curso da guerra outros países foram adentrando a esta dualidade. Em 1941, União Soviética e Estados Unidos entraram para lutar junto aos Aliados, assim como o Japão se aliou ao Eixo. O Brasil declarou guerra ao Eixo em 1942 e em 1944, o Brasil mandou seu primeiro batalhão para a Itália. O país da “tranquilidade” e “da paz” passaria a conviver com as tensões mundiais do período.

### **1.1 Vargas e sua oscilação política, econômica e diplomática durante os primeiros anos da guerra**

Desde o início da guerra em 1939, o Brasil se mostrava no âmbito internacional como escolhendo uma posição de neutralidade em relação aos acontecimentos, já que, o país mantinha boas relações tanto com Estados Unidos da América como com a Alemanha, e ambos os países tinham grande importância na economia brasileira, o presidente então não queria romper com nenhum dos lados para manter seus privilégios.

Além de não cortar relações de forma a manter os privilégios já concedidos, o presidente Getúlio utilizou de uma manobra diplomática, política e econômica engenhosa,

aproximando-se cada vez mais de cada um dos lados para obter vantagens dada a situação crítica (BONALUME NETO, 2021).

Como mostra Pinheiro (1995), o presidente tentava se ajustar a ambos os modelos economicamente, assim como assinando tratados comerciais, a autora relata que até meados de 1940, Vargas tentava retirar o máximo possível para si da disputa entre Alemanha e Estados Unidos.

**Figura 1 - Getúlio Vargas, 1941**



Fonte: BARONE, João. 1942: o Brasil e a sua guerra quase desconhecida. Rio de Janeiro: Casa dos Livros, 2013, p.161.

Desde 1936, segundo Fáveri (2006), acordos feitos entre Alemanha e Brasil já aumentavam o intercâmbio econômico entre os dois países, a Alemanha passou a ser o maior fornecedor de importações ao nosso país, e o Brasil, segundo Schwarcz (2019), tornou-se o principal parceiro de comércio Reich nas Américas. Por outro lado, o Brasil também era muito dependente de sua relação econômica com os Estados Unidos.

A figura 2 a seguir demonstra a relação dúbia que o Brasil tinha às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Entre 1935 e 1938, os níveis de importações dos países quase se igualaram.

**Figura 2 - Comparação do comércio brasileiro com Alemanha e Estados Unidos de 1935 a 1938**

<b>DIVISÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A ALEMANHA (em % calculados com base em números absolutos de libras-ouro)</b>				
	<b>Importação de</b>		<b>Exportação para</b>	
	<b>EUA</b>	<b>Alem.</b>	<b>EUA</b>	<b>Alem.</b>
<b>1935</b>	<b>23.4</b>	<b>20.4</b>	<b>39.4</b>	<b>16.5</b>
<b>1936</b>	<b>22.1</b>	<b>23.5</b>	<b>38.9</b>	<b>13.2</b>
<b>1937</b>	<b>23.0</b>	<b>23.9</b>	<b>36.2</b>	<b>17.1</b>
<b>1938</b>	<b>24.2</b>	<b>25.0</b>	<b>34.3</b>	<b>19.1</b>

Fonte: Sociedade das Nações, Estatísticas du commerce international 1934-1939.

De 1933 a 1945, então a mando de Roosevelt, os Estados Unidos passaram a preocupar-se com o avanço alemão e o crescente poder dos países do Eixo. Mudando, assim, de forma radical seu relacionamento com os países da América, como uma forma de impedir a influência italiana e alemã e garantindo sua hegemonia, substituindo, assim, a prática de intervenção por uma medida de solidariedade (panamericanismo), propondo medidas econômicas, tecnológicas e militares. A Política da Boa Vizinhança, como era chamado este plano americano, que propunha uma aproximação cultural, investindo pesado em cinema, principalmente em filmes que demonstravam e estimulavam o panamericanismo (SCHWARCZ, 2015).

O envolvimento brasileiro com a Alemanha não se restringia apenas a fatores econômicos, mas também fatores políticos e ideológicos. A ideologia do Estado Novo “pendia para o fascismo”, conforme nos mostra Fáveri (2006) com o combate ao comunismo, como por exemplo, a deportação de Olga Benário Prestes, de cidadania alemã, na qual era uma ativista do comunismo e judia. Olga foi enviada pelo governo brasileiro para a Alemanha e executada em um campo de concentração.

Berlim mostra como sua grande finalidade no país seria uma forma de defender suas colônias no território e causar influência do fascismo na política brasileira, por meio da AIB (Ação integralista brasileira). Getúlio tinha a intenção de aliar-se a Alemanha, assim como

mandou um telegrama a Hitler dizendo “meus votos de felicidade pessoal e de prosperidade para a nação alemã” (SCHWARCZ, 2015).

A situação brasileira no cenário exterior e a sua respectiva neutralidade e dupla aproximação do presidente Getúlio Vargas muda de rumo com a entrada de Oswaldo Aranha para chefiar o Itamarati nas relações internacionais e o fim da Ação Integralista brasileira, assim como a aplicação de uma política externa forte e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Como mostra Steitenfus (1985), com Aranha o país passa a cada vez mais a pender-se para o lado americano, já que Aranha mantinha um grande apreço e respeito ao presidente americano e era favorável aos Aliados, marcando como mostra Pinheiro (1995) o início de uma prática de “condescendência pragmática” mesmo ainda em um período de neutralidade oficial do país perante a guerra, este já possuía uma maior aproximação com os Estados Unidos, do que em comparação a sua aproximação a Alemanha.

Segundo Steitenfus (1985), a orientação brasileira relacionada a sua política externa as vésperas dos primeiros anos de guerra são determinadas por três principais fatores, como primeiro fator estaria a atitude equivocada e agressiva por parte da Alemanha, que em poucas semanas perdeu contatos com dirigentes brasileiros. O segundo fator é a nomeação de Oswaldo Aranha, e ele entra com grande poder de influência externas no governo Vargas. O terceiro fator seria a eclosão da guerra na Europa e a impossibilidade de cooperação econômica em larga escala entre Brasil e Alemanha.

**Figura 3 - Oswaldo Aranha (esq.) assinando um tratado comercial com o presidente americano Roosevelt (centro)**



Fonte: BARONE, João. 1942: o Brasil e a sua guerra quase desconhecida. Rio de Janeiro: Casa dos Livros, 2013, p.162.

A foto acima mostra a assinatura de um tratado entre Estados Unidos e Brasil, ainda no ano de 1935, quanto ao comércio entre ambos. Neste tratado ficava explícito uma grande vontade de ambos quanto a questões comerciais, tais como a diminuição de tarifas e taxas cambiais para o comércio de vários produtos.

Assim, iniciou-se uma série de acordos entre Brasil e Estados Unidos. Em setembro de 1940, foi concedido ao Brasil a tão esperada Companhia Siderúrgica Nacional, já em outubro do mesmo ano, criou-se uma aliança entre os dois países para criar medidas em comum de defesa, chamada Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. Em janeiro de 1941, a instalação de duas bases militares estadunidense no Rio de Janeiro.

Em troca da venda de todos os seus materiais estratégicos, como bauxita, berílio, freeo-niquel, cromita, mica, diamantes industriais, minério de manganês, quartzo, borracha, zircônio e titânio, os Estados Unidos ofereceram ao Brasil um empréstimo de 12 milhões de dólares. Entre todos os materiais o mais importante a ser entregue aos americanos era a borracha, toda a produção excedente ao mercado nacional foi entregue aos americanos durante dois anos; esse esforço gerou no mesmo ano a concessão de um empréstimo de 100 milhões de dólares em equipamentos militares, tornando, assim, o Brasil totalmente dependente do

armamento americano e presos a uma ideia de lealdade ao país sem nenhuma garantia futura de manutenção desta aliança (PINHEIRO, 1995).

A questão do pedido americano quanto a instalação de bases no nordeste brasileiro, com o argumento de que a região seria alvo para o avanço alemão incomodava grande parte dos militares brasileiros, porém mesmo ainda estando em um estado de “neutralidade”, Vargas concedeu algumas permissões para que a esquadra americana usufruísse dos portos de Recife e Salvador, como por exemplo, a liberação oficial para que construíssem ou ampliassem bases militares com financiamento do governo americano, assim como a autorização de uma patrulha da quadrilha de aviação no Nordeste, e a proibição do funcionamento de companhias aéreas italianas e alemãs no Brasil

## **1.2 O fim da neutralidade brasileira**

Neste momento, o Brasil, ainda que mantendo uma postura de neutralidade, já estava muito alinhado aos Estados Unidos, porém, é importante ressaltar que, como diz Fáveri (2006), este alinhamento ocorreu mais por uma motivação comercial e econômica, do que por um ideológico e político, já que o governo de Vargas era muito mais próximo ideologicamente ao Reich.

Um acontecimento fora importante para que o Brasil deixasse a neutralidade, o ataque japonês a base americana de Pearl Harbor. Tal local era uma importante base estadunidense que ficava situada no Havaí. Na ocasião, o Japão tentava com todas as suas forças ter um total controle sobre o Pacífico. No entanto, sua hegemonia era afetada pela presença desta base. O conflito entre japoneses e americanos já vinham se arrastando desde a Primeira Guerra Mundial, já que os Estados Unidos se mantinham contrário ao imperialismo japonês.

O ataque aconteceu em 7 de dezembro de 1941. Liderado pelo Almirante Yamamoto, o Japão tinha como plano atacar em um domingo, um dia mais calmo e de descanso.

Ao final do ataque, os americanos tiveram uma soma de 328 aviões destruídos, 19 navios e 2403 mortes. Tal ação foi muito comemorada e considerada um grande sucesso para os japoneses, porém este ataque geraria a declaração de guerra americana e, em poucos meses, os Estados Unidos já haviam recuperado grande parte daquilo que fora destruído em Pearl Harbor, além do que, tal ação militar gerou uma comoção e motivação gigante nos Estados Unidos com uma sede incessante por guerra e vingança.

**Figura 4 - Pearl Harbor (1941)**



Fonte: GETTY IMAGES. Pearl Harbor. Disponível em: <https://www.gettyimages.pt/fotos/pearl-harbor-attack>. Acesso em: 24 de abr. 2022.

No dia seguinte, 8 de dezembro de 1941, o presidente americano fez um discurso declarando guerra ao Japão, e no dia 11 do mesmo, segundo Fáveri (2006), Alemanha e Itália se unem ao Japão e declaram guerra aos Estado Unidos.

Sr. Vice-Presidente, e Sr. Presidente, e Membros do Senado, da Casa dos Representantes:

Ontem, 7 de dezembro de 1941, uma data que viverá na infâmia, os Estados Unidos da América foram súbita e deliberadamente atacados pelas forças navais e aéreas do Império do Japão.

Os Estados Unidos estavam em paz com essa nação e, por solicitação do Japão, estava-se ainda em conversações com o seu Governo e o seu Imperador, procurando manter a paz no Pacífico. Efectivamente, uma hora depois dos esquadrões aéreos japoneses começarem a bombardear a ilha americana de Oahu, o Embaixador Japonês nos Estados Unidos e o seu colega, entregaram ao nosso Secretário de Estado uma resposta formal à recente mensagem norte-americana.

Enquanto esta resposta referia que parecia inútil continuar com as negociações diplomáticas existentes, ela não continha nenhuma ameaça ou insinuação de guerra ou de um ataque armado.

Fica registado que dada a distância do Havai ao Japão torna óbvio que o ataque foi planeado de forma deliberada há muitos dias ou mesmo semanas. Durante esse período o Governo Japonês procurou deliberadamente enganar os Estados Unidos com falsas afirmações e expressões de esperança na continuação da paz.

O ataque de ontem às Ilhas havaianas causou sérios danos às forças navais e militares norte-americanas. Lamento dizer-vos que se perderam muitas vidas norte-americanas.

Ontem o Governo Japonês também lançou um ataque contra a Malásia.

Na última noite forças japonesas atacaram Hong Kong.

Na última noite forças japonesas atacaram Guam.

Na última noite forças japonesas atacaram as Ilhas das Filipinas.

E esta manhã forças japonesas atacaram a Ilha de Midway.

O Japão iniciou, dessa forma, uma ofensiva surpresa que se estende a toda a área do Pacífico. Os fatos de ontem falam por si. O povo dos Estados Unidos já formou a sua opinião e compreende as implicações para a vida e segurança da nação.

Como Comandante-em-Chefe do Exército e Marinha ordenei que fossem tomadas todas as medidas para a nossa defesa, mas a nossa nação recordará sempre o carácter do ataque perpetrado contra nós. Não importa quanto tempo demoraremos a superar esta invasão premeditada, porque o povo americano no seu justo direito lutará até à vitória absoluta.

Acredito que interpreto a vontade do Congresso e do povo quando asseguro que não só nós iremos defender até ao impossível, mas iremos assegurar que esta forma de traição nunca mais nos volte a ameaçar. As hostilidades existem. Não existem dúvidas no fato do nosso povo, o nosso território, e os nossos interesses estarem em grande perigo.

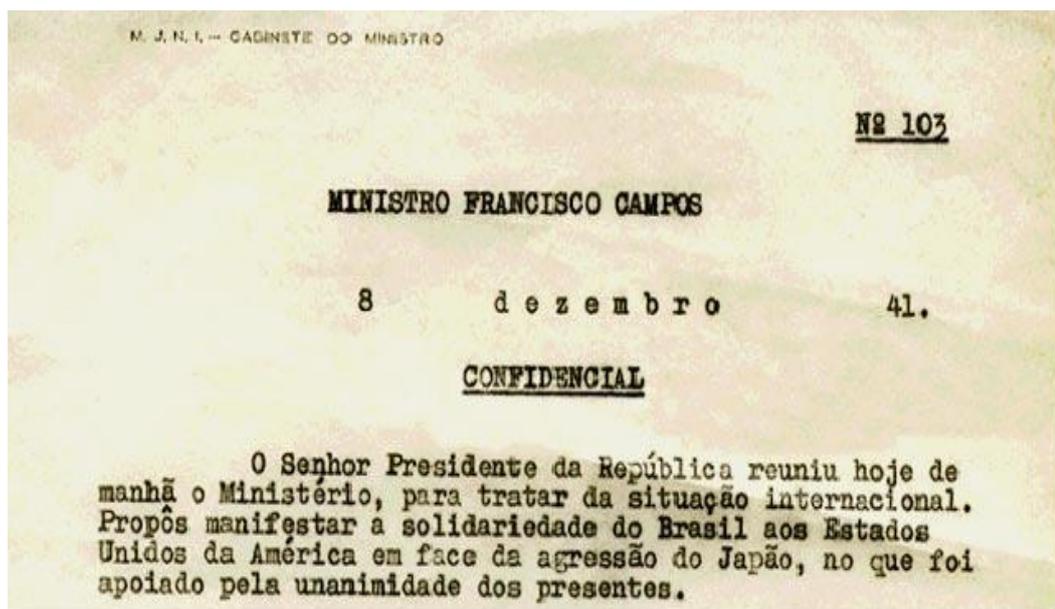
Com confiança nas nossas forças armadas, com a grande determinação do nosso povo, iremos alcançar o inevitável triunfo – assim Deus nos ajude.

Peço ao Congresso que declare que desde o ataque não provocado e covarde do Japão no domingo, 7 de dezembro de 1941, existe um estado de guerra entre os Estados Unidos e o Império do Japão.

Fonte: RTP ENSINA. **A declaração de guerra dos EUA ao Japão.** 2022. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/a-declaracao-de-guerra-dos-eua-ao-japao/> Acesso em: 10 de mar.2022.

O Brasil, diante deste cenário, foi obrigado a posicionar-se perante a guerra e sofreu grande pressão dos dois lados. Vargas decidiu unir-se aos americanos e, em janeiro de 1942, o Brasil rompeu de vez sua relação com a Alemanha e a Itália. A figura 5 demonstra a atitude brasileira ao fato ocorrido.

**Figura 5 - Sugestão ao ministro da justiça sobre a quebra de relações do Brasil com o Eixo**



Fonte: FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Sugestão ao ministro da justiça sobre rompimento com o Eixo. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/AGuerraNoBrasil>. Acesso em: 12 abr. 2022.

É, então, imprescindível neste trabalho compreender Pearl Harbor e seus desdobramentos, uma vez que, por conta da ocorrência deste ataque, o Brasil posteriormente escolheria seu posicionamento perante a guerra e cortaria suas relações de vez com Alemanha e Itália.

Bonalume Neto (2021) mostra como referida situação tornou o Brasil um território hostil, e em 1942, o primeiro navio brasileiro fora abatido. Até o final do mês de julho de 1942, outros 9 navios brasileiros foram abatidos.

Arubatan (1 morto), o Cairu (53 mortos), o Parnaíba (7 mortos), o Gonsalves dias (6 mortos), o Alegrete (sem vítimas), o Pedrinhas (sem vítimas), o Tamandaré (4 mortos), o Piave (1 morto) e o Barbacena (6 mortos). Todos eles foram atacados longe do litoral brasileiro, e com exceção do Cairu, o número de vítimas não foi catastrófico. (BONALUME NETO, 2021, p. 44-45)

O autor nos mostra como, apenas durante este pequeno período de tempo, várias vidas brasileiras foram perdidas por ataques italianos e alemães. Porém, foi no mês de agosto (1942) que o submarino U-507 nazista afundou cinco navios e um pequeno veleiro, causando a comoção popular em todo o país. O primeiro deles, o Baependy, que levou a morte de 270 pessoas, das 306 que estavam no navio, incluindo soldados do exército brasileiro. O segundo navio, o Araraquara, teve 131 vítimas, além desses, o Aníbal Benévolo levou a morte de 150 pessoas.

**Figura 6 - Navios brasileiros atacados (1942)**

Sequência de afundamentos	Data do ataque	Nome do navio	Mortos	Submarino que atacou	BRT
13.	15/08/1942	Baependi	270	U-507	4.801
14.	16/08/1942	Araraquara	131	U-507	4.872
15.	16/08/1942	Aníbal Benevolo	150	U-507	1.905
16.	17/08/1942	Itagiba	36	U-507	2.169
17.	17/08/1942	Araras ou Avaré	20	U-507	1.075
18.	19/08/1942	Jacyara	??	U-507	1.430

RAHMEIER, Andrea. **1942** - Brasil corta relações diplomáticas e declara Guerra a Alemanha. Como isto aconteceu? p.87.

É imprescindível alertar que os ataques a esses navios aconteceram de forma “fácil”, os navios sucumbiram rapidamente, como um exemplo, o Araraquara, que afundou em

apenas cinco minutos. A maioria dos tripulantes não possuía um treinamento para a evacuação dos navios, gerando assim um número ainda maior de mortos. Como o país ainda se considerava “neutro” seus navios ainda navegavam com luzes acesas, com bandeiras a vistas, e naquela época, navios que navegavam nestas condições não costumavam ser atacados.

O submarino alemão U-507, responsável por todos esses ataques, já havia feito 9 vítimas aliadas antes de vir para o nordeste do Brasil. Este submarino era um clássico na Segunda Guerra, do tipo “submersível”, não aguentavam ficar por muito tempo debaixo d’água, e por isso, tinham a necessidade de submergir.

Bonalume Neto (2021) nos mostra como estas sequências de ataques alemães “foi o equivalente brasileiro a Pearl Harbor” - um ataque inesperado, de surpresa e com uma somatória de 606 mortos. A partir deste momento iniciou-se uma grande comoção, revolta e pressão popular para que o Brasil entrasse na guerra.

Estas manifestações e a grande revolta e pressão popular funcionaram como uma forma de estopim para que Vargas declarasse guerra. Então, em 22 de agosto de 1942, o Brasil declarou um estado de beligerância contra Alemanha e Itália.

Outro ponto a ser colocado neste momento é que, a partir da declaração do estado de guerra contra a Itália e a Alemanha, a situação dos descendentes destes países, que viviam no Brasil, passou a ser muito complicada.

Como nos mostra Priore (2017), iniciou-se uma “ofensiva” contra estas pessoas, e palavras como espionagem passaram a fazer parte do vocabulário da polícia nacional. No Brasil, ocorreu uma perseguição a esse grupo étnico, tanto pela mídia da época, ou pelo governo, ou pelos próprios cidadãos.

### **1.3 Nasce a Força Expedicionária Brasileira**

Com a declaração do estado de beligerância brasileiro contra Itália e Alemanha em 22 de agosto de 1942, o maior interesse do exército brasileiro era neutralizar e contra-atacar os ataques feitos por submarinos às embarcações brasileiras.

Ainda em 1942 havia tentativas brasileiras de participar de missões, mas, neste período, os Aliados ainda estavam em uma frente de defensiva militar e em posições muito desfavoráveis. Durante este período, o exército brasileiro foi incumbido da proteção da costa nordestina do Brasil, de forma a combater os submarinos (BONALUME NETO, 2021).

Nos momentos anteriores à criação da FEB, o exército brasileiro era treinado por uma operação militar francesa que havia lutado na Primeira Guerra Mundial. Esta equipe foi

responsável pela modernização do exército brasileiro, Gondim (2004) relata que toda a modernização do exército brasileiro na época viera da Europa.

Como descreve Priore (2017), a “FEB foi o nome dado à força militar brasileira constituída em 9 de agosto de 1943 para lutar na Europa ao lado dos países Aliados, contra os países do Eixo”. A ideia da criação de uma força militar surgiu no início de 1943 em um encontro entre Roosevelt e Vargas, em Natal, e nesse momento o presidente brasileiro deixou bem claro que o envio das tropas dependeria de um “reaparelhamento” bélico brasileiro.

Com a criação da Força Expedicionária Brasileira, Getúlio tinha como objetivo, além de cumprir com suas palavras aos Estados Unidos, amenizar a situação interna do país, na qual a população manifestava-se a favor da guerra. A FEB foi criada pela portaria Ministerial 47/44 em 9 de agosto de 1943, assinada por Eurico Gaspar Dutra (GONDIM, 2004).

Desde a declaração de guerra até a criação da FEB, passou-se um ano. O motivo da demora: as dificuldades de reorganização das forças armadas, que esbarraram em interesses pessoais de seus membros, além de precisarem enfrentar problemas com o atraso industrial, no qual tornava quase impossível a produção nacional de armas.

O plano inicial era criar e enviar 3 divisões de infantaria com 60 mil homens, porém na realidade foram enviados 25 mil homens, estando 15 mil em tropas de combate, ainda assim, “não foi pouco diante das dificuldades encontradas para sua elaboração” (GONDIM, 2004, p.27).

Outro grande empecilho encontrado pela criação da FEB estava nas convocações dos soldados: na época, não havia pessoal de certa forma “adequado” ao cargo, tanto no quesito dos conhecimentos específicos utilizados em combate e para o manuseio de armas modernas, assim como exigências sobre a saúde física e médica dos soldados. Os critérios de início eram muito rigorosos e precisaram ser relaxados, pois não havia homens com boas condições de dentição em grande número.

A FEB era típica do Brasil em 1944, mas era também um stratum escolhido já que exigia brasileiros com 5 anos de escolaridade, 26 dentes na boca (essa foi a maior causa de rejeição médica), altura de 1,65m no mínimo, peso mínimo de 60 kg e uma saúde aparentemente boa (os exames psíquicos foram como se pôde ver depois deficientes). Note-se que mesmo os americanos consideraram deficientes os seus exames psíquicos. As exigências da guerra levaram a ir buscar o soldado convocado entre os que haviam feito Tiro de Guerra, de melhores índices do que os que normalmente serviam ao Exército. A FEB teria que contar com os oficiais de R2 saídos dos CPORs como todos os demais Exércitos que estavam em luta. (BONALUME NETO, 2021, p. 142)

A expedição brasileira, por se tratar de um exército nos moldes modernos americanos, exigia uma grande quantidade de especialistas, e, por isso, foi necessário recrutar pessoas com os conhecimentos específicos além do militar, como manusear telégrafos, teletipos, criptógrafos, rádios, entre outros, no Brasil da época foi complicado encontrar pessoas capacitadas, “houve tanto os analfabetos que foram recrutados como o caso de médicos que foram enviados à Itália como tenentes combatentes” (BONALUME NETO, 2021, p.143).

Entre os recrutados, existiu a predominância das camadas populares, como rapazes pobres, lavradores e operários. A elite pouco se fez presente, já que estas pessoas muitas vezes por seus privilégios conseguiam escapar do recrutamento. Os selecionados recebiam uma carta em sua residência pelo correio (GONDIM, 2004).

Dessa forma, ocorreu o envio de oficiais brasileiros aos Estados Unidos para treinamento, para que ficassem familiarizados com a prática militar americana de fazer guerra, suas táticas e métodos.

A FEB possuía a formação básica dos exércitos ocidentais, de formato “triangular” ou “ternária”, cada divisão possuía três regimentos, cada regimento três batalhões, cada batalhão três companhias, cada companhia possuía três pelotões.

As principais unidades da infantaria eram três regimentos de 3256 homens cada, comandados por coronéis – 1RI, 6RI E 11RI. Cada regimento tinha três batalhões de 871 homens, comandados por majores (1 Batalhão, 2 e 3). Cada batalhão era dividido em três companhias de 193 homens e uma Companhia de Petrechos pesados (CPP) DE 166 homens, comandadas por capitães. Cada companhia era dividida em três pelotões de fuzileiros e um pelotão de petrechos leves (metralhadoras e morteiros de menor calibre), comandados por tenentes. Cada pelotão tem 41 homens. O pelotão também tem sua subdivisão, em três grupos de combate (G.C.), em geral de 13 homens cada, comandado por sargentos incluindo além dele 1 cabo e 11 soldados. (BONALUME NETO, 2021, p. 151)

Além de comandar a parte bélica, o comandante da divisão era responsável pelo pessoal da manutenção, banda de música, comunicação, assim como um esquadrão de reconhecimento que continha 13 carros blindados e 5 veículos de meia larga, sendo comandados por um capitão.

Havia também a unidade de engenheiros de combate com 655 homens. Além disso:

Em todas as suas unidades, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária tinha uma dotação de 16.245 armas individuais (5.231 carabinas; 6.51º fuzis; 3.348 facas de trincheira; 1.156 pistolas); 505 metralhadoras; 237 metralhadoras antiaéreas; 144 morteiros; 66 obuses (canhões); e 70 canhões antitanques. (BONALUME NETO, 2021, p. 151)

Em junho de 1944, a FEB já estava pronta para atacar, porém a incerteza do destino e a demora no embarque fizeram crescer na população e na tropa uma grande dúvida se os soldados embarcariam ou não. A partir disso, passou a circular entre os próprios militares uma emblemática frase, “será mais fácil uma cobra fumar do que a FEB embarcar”. Com esta “brincadeira”, surgiu o grande lema dos expedicionários brasileiros durante toda a guerra, que trazia um desenho de uma cobra verde fumando, presentes nos uniformes dos soldados e até mesmo sendo usados como uma maneira de “ironizar” a guerra. Muitas vezes, este lema também foi usado como uma metáfora para os acontecimentos que eram diariamente passados no front (GONDIM, 2004).

**Figura 7 - Soldados utilizando o lema da FEB como uma forma de “ironia”**



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Em 2 de Julho de 1944, o que todos aguardavam virou realidade. O 6 RI composto por 5.075 homens embarcam a bordo do navio “General Mann”, a caminho da Itália. O primeiro regimento de infantaria (5.075 homens) e o decimo primeiro RI (5.239 homens) embarcam no dia 22 de setembro do mesmo ano. Durante todo o período da viagem os treinamentos continuaram constantes e a ansiedade se misturava com o medo conforme os soldados se aproximavam da península itálica (GONDIM, 2004).

## **2 A COBRA COMEÇA A FUMAR: A FEB NO CAMPO DE BATALHA**

Ao final de 1942, o cenário da guerra mudou, as tropas do Eixo começaram a sofrer grandes derrotas, e o panorama geral começa a ser modificado, a entrada de mais dois países poderosos militarmente havia dado fôlego aos Aliados, Estados Unidos e União Soviética.

Em novembro de 1942, se iniciou a batalha de Stalingrado. O exército Vermelho resistiu aos ataques alemães até fevereiro de 1943, quando as tropas alemãs foram derrotadas, esta batalha entrou para a história como uma das mais sangrentas, porém, teve um significado muito forte para aquele momento. Era a primeira grande derrota de Hitler.

Em 1943, as tropas Aliadas passavam pela região norte da África com o intuito de desembarcar na Itália, chegando em julho na Sicília, onde tiveram vitória sobre o Eixo. A Península Itálica passava por muitos problemas no momento com inúmeras derrotas sofridas nos campos de batalha ao lado de Hitler, assim tornou-se difícil a manutenção do regime de Mussolini. Em julho do mesmo ano, Mussolini foi deposto e preso pelo próprio conselho fascista. O novo presidente do conselho, Marechal Badoglio, pediu armistício as forças Aliadas (8 de setembro). A prisão de Mussolini foi temporária, e em 12 de setembro ele foi libertado pelos alemães, e assim, o governo fascista passou a governar a República Social Italiana.

O momento no qual a guerra estava, os especialistas acreditavam que uma das únicas formas dos aliados ganharem a guerra seria pela França (Normandia ou Provença), dessa forma, entrou em ação um plano que mudaria significativamente o rumo da guerra, a operação Overlord, a invasão aliada a Normandia, conhecida popularmente como o dia D.

Esta operação demandava de uma quantidade enorme de soldados, e assim muitos homens que estavam em outras frentes foram deslocados para lutar na Normandia, foi o caso do VI corpo americano e o corpo expedicionário francês que lutavam na Itália. Com a carência de efetivos que surgiu pelo desmembramento do V exército, a FEB foi chamada para a luta no território Italiano. Pelas palavras de Octávio Costa “a FEB vinha na hora crítica, na hora da fome de gente”.

### **2.1 A chegada à Nápoles e o batismo de fogo da FEB**

A passagem dos brasileiros pelo mar foi tranquila, durante o percurso os *febianos* continuaram diariamente com o treinamento e uma rotina regrada, e alguns outros navios brasileiros foram encarregados de escoltar a tropa até o seu destino. Em 16 de julho de 1944 chegou em Nápoles o 1º escalão de embarque, formado pelo 6 RI (o restante da tropa chegou

mais tardiamente), e um fato curioso descrito por Savian (2015) ocorreu por conta da cor verde dos uniformes dos brasileiros, assim que desembarcaram foram confundidos com prisioneiros alemães (que na maioria usavam um uniforme cinza-esverdeado) recebendo assim muitos xingamentos e vaias dos italianos.

Como mostra Gondim (2003), a incorporação oficial ao IV corpo do V exército americano do General Mark Clark se deu no dia 8 de agosto e após um período destinado ao “adestramento” foram enviados para um exercício-teste de 36 horas guiados por uma equipe americana, no final foram julgados como “aptos para imediato emprego nas frentes de combate”.

A chegada à Itália trouxe muita animação, assim como grandes surpresas e preocupações, o cenário de guerra chocou os brasileiros. A FEB tinha um longo e desconhecido caminho para percorrer, uma das grandes dificuldades iniciais foi armar a tropa: os soldados receberam armas norte-americanas desconhecidas quando já estavam em solo Italiano, as quais não possuíam conhecimento ou treinamento prévio para a utilização correta.

Outro problema foi fardar a tropa, que além da confusão na chegada em Nápoles trouxe muitos problemas como nos mostra Savian (2015), os uniformes eram de péssima qualidade, machucavam os soldados, desbotavam, encolhiam e rasgavam, pela cor esverdeada a farda ganhou um apelido entre a tropa, “Zé Carioca”, fazendo alusão ao personagem do desenho da Disney. Além disso a má alimentação, treinamento árduo, péssimos alojamentos, falta de adaptação e desmotivação também foram graves problemas da FEB, este fato explica o acontecimento de deserções, como por exemplo, parte do 1º batalhão do 11 RI, durante a tomada de Monte Castelo.

Segundo Bonalume Neto (2021), os brasileiros da FEB em grande parte nunca haviam saído do Brasil, não estavam acostumados com altas elevações (muito menos em escalar ou subir grandes montanhas), nunca tinham visto neve e muito menos suportado temperaturas muito baixas, além da grande dificuldade em lidar com o terreno extremamente acidentado da Itália.

O maior dos obstáculos foi o inimigo em campo de batalha, o exército alemão. Os alemães já tinham lutado na Primeira Guerra Mundial, além disso já haviam passado por quase toda a Europa com a "blitzkrieg" com ataques coordenados pela Luftwaffe. Os brasileiros enfrentaram em exército experiente com muitos anos de guerra, forte treinamento e um armamento extremamente tecnológico e pesado.

Os brasileiros foram destinados a atravessar a linha verde (Linha Gótica), que segundo Savian (2015) era um local de defesa aliada “que cortava a Itália no sentido leste/oeste

de Pesaro a Massa”, com o intuito de conquistar a cidade de Bolonha e impedir que os alemães fugissem da Itália, fazendo assim, parte da Operação Olive.

A missão brasileira era auxiliar o 5º Exército Americano, do General Clark, e o 8º Exército Britânico, do general Richard McCreery, a ultrapassar a quase intransponível Linha Gótica. Tratava-se da última grande linha de defesa nazista na Europa, situada no Norte da Itália, nos montes Apeninos.  
(SANTOS,2019, p.96)

No dia 15 de setembro, a FEB entrou em ação fazendo patrulhas, ainda sem o contato com o inimigo destruindo o mito entre os soldados que a guerra acabaria sem que tivessem a oportunidade de lutar, os brasileiros foram destinados naquele momento a substituir tropas americanas retiradas. Porém no dia 16, a tropa seguiu para combate com um grupo de artilharia, infantaria, engenharia e um pelotão de carros e enfrentou um ataque inimigo com morteiros e artilharia pesada, neste momento a FEB teve seu batismo de fogo. A missão foi bem-sucedida, com uma penetração de 5km e a conquista de Massarosa, nesta localidade os brasileiros foram tidos pelos italianos como heróis libertadores, sendo recebidos com aplausos, vinho, pães e beijos.

Os brasileiros continuaram avançando:

A topografia mais amena à esquerda do dispositivo, facilita ao 1º batalhão uma investida em flecha de oito quilômetros no sentido noroeste, enquanto no centro e à direita a marcha é mais lenta e mais penosa. A última transversal antes do paredão dos Apuanos é cortada na aldeia de La Rena e por ela elementos combinados infiltram-se audaciosamente até à cidade de Camaione, nó de comunicações, que foi ocupada sob forte bombardeio de artilharia e morteiros. Camaione acha-se no fundo de uma bacia dominada pelo Monte Prano, bastião principal da Linha Gótica nessa zona.  
(ARRUDA, 197. p.594)

Neste dia, a 2ª companhia tomou a cidade de Camaione com 5.000 habitantes. Os brasileiros também foram recebidos por morteiros de canhões e bombardeio de artilharia. Como nos mostra Bonalume Neto (2021), este feito ganhou repercussão na mídia brasileira, como o jornal O Globo, “Avançam os brasileiros”.

Posteriormente outras cidades foram conquistadas, tais como Monte Prano, Fornoli, Borgo, Mozzano e Pescaglia. Em 11 de outubro de 1944, Braga foi conquistada pela 8ª companhia do 3º batalhão, e no dia 14 do mesmo mês, os alemães aprisionaram os primeiros brasileiros, dois homens que estavam reparando fios de telefone (BONALUME NETO, 2021).

Segundo Santos (199-), os brasileiros até o momento estavam indo bem em sua estreia, mesmo com a sua tropa incompleta. Durante seu primeiro mês (até o final de outubro),

foram 243 alemães capturados pelo 6RI e a FEB até aquele momento havia perdido 30 homens, 93 feridos e 10 desaparecidos, além dos dois soldados aprisionados. Como mostra Gondim (2003), neste período toda a região já estava dominada pelas tropas brasileiras, porém a Linha Gótica ainda resistia.

## 2.2 O primeiro revés da FEB e o fantasma de Monte Castelo

Segundo Gondim (2003), no início de outubro, a FEB foi realocada, ocupando novas posições, também durante este intervalo chega a Nápoles, os outros dois escalões de embarque restantes, contando com o 1 e 11 regimentos, que foram conduzidos para o seu momento de adaptação e treinamento.

No mesmo período, foi lançada no Brasil a “Canção do Expedicionário” (1944), na qual posteriormente seria considerada o hino da FEB, sendo escrita por Guilherme de Almeida e música do Maestro Spartaco Rossi. A letra fala sobre a dificuldade do pracinha de estar longe de casa e sua cultura, precisando enfrentar não só a guerra, mas línguas e costumes diferentes. A música traz à tona a identidade brasileira dos soldados, assim como seu amor ao seu país, em seu refrão é cantado o medo da morte, assim como a vontade iminente de poderem voltar vivos para casa, trazendo a vitória ao Brasil. A canção hoje é desconhecida por grande parte da população.

Você sabe de onde eu venho?  
 Venho do morro, do Engenho,  
 Das selvas, dos cafezais,  
 Da boa terra do coco,  
 Da choupana onde um é pouco,  
 Dois é bom, três é demais,  
 Venho das praias sedosas,  
 Das montanhas alterosas,  
 Dos pampas, do seringal,  
 Das margens crespas dos rios,  
 Dos verdes mares bravios  
 Da minha terra natal.  
 Por mais terras que eu percorra,  
 Não permita Deus que eu morra  
 Sem que volte para lá;  
 Sem que leve por divisa  
 Esse "V" que simboliza  
 A vitória que virá:  
 Nossa vitória final,  
 Que é a mira do meu fuzil,  
 A ração do meu bernal,  
 A água do meu cantil,  
 As asas do meu ideal,  
 A glória do meu Brasil.

Eu venho da minha terra,  
 Da casa branca da serra  
 E do luar do meu sertão;  
 Venho da minha Maria  
 Cujo nome principia  
 Na palma da minha mão,  
 Braços mornos de Moema,  
 Lábios de mel de Iracema  
 Estendidos para mim.  
 Ó minha terra querida  
 Da Senhora Aparecida  
 E do Senhor do Bonfim!

Por mais terras que eu percorra,  
 Não permita Deus que eu morra  
 Sem que volte para lá;  
 Sem que leve por divisa  
 Esse "V" que simboliza  
 A vitória que virá:  
 Nossa vitória final,  
 Que é a mira do meu fuzil,  
 A ração do meu bernal,  
 A água do meu cantil,  
 As asas do meu ideal,  
 A glória do meu Brasil.  
 Você sabe de onde eu venho?  
 E de uma Pátria que eu tenho  
 No bojo do meu violão;  
 Que de viver em meu peito  
 Foi até tomando jeito  
 De um enorme coração.  
 Deixei lá atrás meu terreno,  
 Meu limão, meu limoeiro,  
 Meu pé de jacarandá,  
 Minha casa pequenina  
 Lá no alto da colina,  
 Onde canta o sabiá.

Por mais terras que eu percorra,  
 Não permita Deus que eu morra  
 Sem que volte para lá;  
 Sem que leve por divisa  
 Esse "V" que simboliza  
 A vitória que virá:  
 Nossa vitória final,  
 Que é a mira do meu fuzil,  
 A ração do meu bernal,  
 A água do meu cantil,  
 As asas do meu ideal,  
 A glória do meu Brasil.

Venho do além desse monte  
 Que ainda azula o horizonte,  
 Onde o nosso amor nasceu;  
 Do rancho que tinha ao lado  
 Um coqueiro que, coitado,  
 De saudade já morreu.  
 Venho do verde mais belo,

Do mais dourado amarelo,  
Do azul mais cheio de luz,  
Cheio de estrelas prateadas  
Que se ajoelham deslumbradas,  
Fazendo o sinal da Cruz.

Por mais terras que eu percorra,  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá;  
Sem que leve por divisa  
Esse "V" que simboliza  
A vitória que virá:  
Nossa vitória final,  
Que é a mira do meu fuzil,  
A ração do meu bernal,  
A água do meu cantil,  
As asas do meu ideal,  
A glória do meu Brasil.

Em suas novas posições, os brasileiros continuavam seu avanço ocupando pequenas cidades, posteriormente a FEB foi encarregada de conquistar a região de Castelnuovo di Garfagnana, uma localidade onde ficava um importante entroncamento de estradas. O local a ser atacado possuía uma altitude elevada (variando de 500 a 1000 metros), sendo assim, favorecendo o contra-ataque.

Como nos mostra Bonalume Neto (2021), o ataque aconteceu nos últimos dias de mês de outubro e os alemães (junto aos italianos “revoltosos”) utilizaram a tática de ataque que já era repetida durante todo o período da Segunda Guerra Mundial, “contra-atacar quando o inimigo ainda não teve tempo de se consolidar no terreno recém-conquistado”. Neste caso, o primeiro pelotão brasileiro foi atacado às três da manhã, tornando-os prisioneiros; outros dois pelotões também recuaram naquele momento, por falta de retaguarda e munição.

O historiador italiano Carlo Cornia quando descreve o ocorrido da batalha dá detalhes da ação dos brasileiros, segundo ele a forma com que o 6RI silenciou o fogo de metralhadoras MG 34 (metralhadora alemã apelidada pelos brasileiros como “*Lurdinha*”) do inimigo, assim como reforça que antes da FEB retroceder, eles haviam penetrado quatro quilômetros.

Santos [199-], aponta alguns motivos que causaram o revés, segundo ele, a frente brasileira de ataque, que tinha 4,5 km de largura, necessitava de muito mais soldados além dos que estavam presentes, a falta de mais militares facilitou o ataque inimigo, porém, o principal motivo foi a falta de munição. Naquele incidente, a FEB sofreu 59 baixas, 15 soldados mortos (dois oficiais), 36 feridos e 8 prisioneiros.

No pós-guerra, oficiais do alto-escalão da FEB deram entrevistas e publicaram relatos sobre a guerra, como seu General Mascarenhas de Moraes, que apontou o insucesso da

missão como culpa exclusiva das praças. As revoltas foram gerais, o Tenente da reserva José Gonsalves em seus depoimentos relatou: “para manter os batalhões era necessário receber água e munição” (BONALUME NETO, 2021).

Nos primeiros dias de novembro, a tropa brasileira fora deslocada para outra localidade, no vale do rio Reno, com intuito de substituir a 1ª Divisão Blindada Americana. Neste período também se juntaram ao 6RI o 1RI e 11RI, que estavam em treinamento. A FEB neste momento estava atuando com todo o seu contingente e a partir deste momento, o general Mascarenhas de Moraes assumiu o comando da FEB (GONDIM, 2003).

No final de novembro, a missão atribuída para os brasileiros foi lutar na estrada 64, na qual levava a Bolonha, como cita Octavio Costa “dominar Bolonha era vencer a batalha da Itália”, os Aliados estavam lá há três meses sofrendo perdas severas.

Pela estrada 64 encontrava-se uma cadeia de montanhas, entre elas Monte Castelo, a localidade ficou conhecida em todo o Brasil por conta da ação da FEB, de forma até que “mitológica”, porém a tomada de Castelo não foi a batalha mais sangrenta ou a maior vitória da campanha da Itália, o mito deu-se pela quantidade de tentativas feitas para que a missão fosse completada, com quatro tentativas malsucedidas antes da conquista.

Monte Castelo era uma localidade estratégica por conta de sua situação topográfica, além do que, possibilitava aos alemães uma ampla visão sobre a estrada 64. A tomada da localização fazia parte da Operação Encore, compreendida em duas fases. O grande inimigo dos Aliados nesta operação foram a 232DI alemã.

Segundo Bonalume Neto (2021), os dois primeiros ataques, feitos em dias seguidos (24 e 25 de novembro) foram realizados pelo terceiro batalhão do 6RI, juntamente com a artilharia e o esquadrão de reconhecimento, porém algumas falhas ocorridas, como na coordenação entre brasileiros e americanos, no reconhecimento e no apoio tático causaram 3 mortos e 30 feridos.

No dia 29 de novembro ocorreu o terceiro ataque, feito exclusivamente pela FEB, especificamente o 1º batalhão do 1RI e 3º batalhão do 11 RI. A terceira tentativa foi a mais sangrenta causando 195 mortos, sendo 157 baixas apenas do 1º batalhão do 11RI.

O quarto ataque aconteceu dia 12 de dezembro, também sem sucesso, com um dia chuvoso, frio e lama, os aviões não puderam ajudar, os soldados escorregavam e os tanques atolavam, a ação resultou em 145 baixas. No dia 16 de dezembro, o General Mark Clark deixou do comando do V exército, assumindo em seu lugar o General Lucian K. Trusscott Jr.

Os quatro primeiros ataques aconteceram durante o inverno Europeu (1944), chegando a atingir vinte graus negativos. Com isso, após a quarta tentativa, a FEB entrou no

período chamado “Defensiva do Inverno”, suspendendo assim, as grandes investidas, e dando início ao período de patrulha (SANTOS, 199-, p. 5).

A Defensiva do Inverno serviu como “a escola dos brasileiros”, durante este momento a FEB conseguiu adquirir mais experiência, principalmente o 1RI e 11RI que eram novatos em campo de batalha.

Com o fim do período de patrulhas em janeiro de 1945, entra em cena a 10th Mountain Division, divisão americana especializada em escalção, frios e montanhas, uma “tropa de elite”, a qual mudaria o cenário da guerra Aliada na estrada 64.

No dia 18 de dezembro voltaram os ataques dos Aliados, o 1RI teve a missão de conquistar Monte Castelo e La Serra, e com a cobertura da 10th Mountain Division, houve a conquista de muitas localidades, como montes Serrasiccia, Pizzo di Campiano e Cappel Buso. Dia 20 um fato raro a Força Aérea brasileira faz um ataque na área (com seu primeiro grupo de caça), a FAB e FEB até o momento nunca haviam tido nenhum tipo de contato direto, por promoverem ações em pontos distintos.

Em 21 inicia-se o quinto ataque a Monte Castelo, assim como o ataque da 10div mth sobre dela Torraccia, de forma a um guarnecer o outro (a FEB ajudava os americanos da 10div, assim como eles ajudavam a FEB) cerca de doze horas depois, aproximadamente as 18 horas, os primeiros brasileiros chegam ao topo do Monte, o ataque foi vitorioso, porém houve perdas, aproximadamente 103 baixas e 12 mortos. A missão foi completada, era a vitória esperada e consumada e o final do mito do “fantasma” de Monte Castelo.

Santos [199-] formula hipóteses táticas para a falha dos quatro primeiros ataques ao Castelo, como o frio intenso naquele inverno, a insistência dos comandantes em fazer um ataque frontal (herança da missão francesa no Brasil), além de que a tropa do 1RI e 11RI que lutaram no Monte não tivessem ainda concluído seu treinamento.

**Figura 8 - O dia da vitória!**



Fonte: MEMORIAL DA FEB. O capitão de Engenharia Sady Magalhães Monteiro aponta o temido Monte Castello, sob o ataque da FEB no dia da sua conquista pelos brasileiros (21/2/1945). Disponível em: <https://memorialdafeb.com/2022/02/18/monte-castello-77-anos/>

A foto em questão carrega uma simbologia enorme, o soldado aponta de forma a mostrar a direção do Castelo, assim como escreve sobre a foto com o mesmo intuito; na parte superior da fotografia ele aponta sua localização atual “em Lago Brugo, (L 560/76), Província de Bologna, ITALIA, 21/II/ 945”, também com uma flecha apontando ao monte e escreve: “Vas-se os efeitos da nossa art. sobre os alemães!”, sendo art. uma forma de abreviação para a palavra artilharia. No dia em que a foto foi tirada, a FEB atacava pela quinta vez o monte, entende-se que durante o momento em que a foto foi tirada, o confronto estava ocorrendo. Monteiro registrava em forma de fotografia, horas antes, o último e vitorioso ataque da FEB ao monte Castelo.

Nos dias seguintes a parceria entre americanos e brasileiros continuaria, em 25 de fevereiro acabava a primeira fase da operação. Durante sua segunda fase, aconteceu a conquista de Castelnuovo pelos brasileiros do 1º batalhão do 11RI. Em 8 de março a Operação Encore foi encerrada, mesmo que não houvesse atingido todos os seus objetivos, os avanços tiveram sucesso, chegando a 25 km de Bolonha.

### 2.3 O árduo caminho para o final da guerra: Montese e a rendição da 148 DI

Após a tomada da estrada 64 pelos Aliados, é quebrada a linha Gótica e Santos [199-], aponta que os alemães já possuíam uma nova linha ofensiva, chamada Gengis Kahan, como uma forma de combater a nova linha. Os Aliados montaram um plano de ampla envergadura e extensão, a chamada Ofensiva de Primavera, que tinha como finalidade proteger as fronteiras para impedir completamente que os alemães pudessem fugir para a Alemanha.

A ofensiva utilizaria grande contingente, somando-se ao VIII exército britânico e ao V americano, durante as reuniões para o planejamento da missão, Mascarenhas consegue um papel importante aos brasileiros, com o objetivo de conquistar a cidade de Montese. Tal localidade ficaria marcada na história da FEB por sua mais difícil e “mais sangrenta batalha brasileira desde a Guerra do Paraguai” segundo Bonalume Neto (2021).

No dia 14 de abril inicia-se a ofensiva, e junto com ela, o fim da guerra na Itália. Santos [199-] aponta que a FEB inicialmente antes do ataque teria a função de lançar grandes patrulhas na região, em um desses acontecimentos a divisão perdeu um de seus mais importantes soldados, Sargento Max Wolff Filho, condecorado pelo exército americano anteriormente.

Durante o ataque dos Aliados a 10 de montanha ficaria ao centro, a 1 blindada a direita e os brasileiros a esquerda, no qual ambos entrariam em movimento sincronizado, FEB lutaria com todo o seu contingente, a principal ação seria feita pelo 1 batalhão do 11RI, juntamente com tanques americanos, em ações de retaguarda estavam do 1 da 11 (Batalhão comandado pelo tenente Iporan Nunes de Oliveira) e o 2 da 1RI.

Em Montese, os brasileiros enfrentaram uma nova forma de fazer guerra, desta vez seria a guerra urbana, muita mais sangrenta e mortal, já que teriam que ter contato direto com o inimigo e penetrar casa por casa. Os alemães a esta altura da guerra foram ordenados a lutar com força total, sem perdas.

Segundo as informações do Ministério da Defesa brasileiro, a operação dividira-se em duas fases, a fase inicial com a entrada para patrulhamento e a fase principal com o intuito de tomar a cidade. Durante a primeira fase da ação a tropa recebeu forte resposta do inimigo imediatamente, a metade do primeiro dia a primeira fase foi completa e iniciou-se a segunda fase, com a entrada da FEB ao lado de blindados norte-americanos, a tropa brasileira não possui homens que dirigiam blindados, então esses eram geralmente dirigidos por norte-americanos (os inimigos na área também possuíam forte armamento e blindados), a batalha continuou até

durante a noite com forte ataque e resistência inimiga ,a região de Montese continuava recebendo mais fogos que toda a frente do 4 corpo.

No dia 15 de abril, a situação teve um agravamento, porém com sucesso dos brasileiros, a cidade é conquistada pela FEB, com sucesso, A tomada da cidade teve extrema importância, já que era uma região estratégica, tomar a cidade tinha a função de além de desequilibrar e aniquilar o inimigo, diminuir a presença alemã na região para facilitar o ataque principal da 10 de montanha.

Sobre a participação brasileira no dia 15 o General Willis D. Crittenberger, chefe do IV exército, apontou “na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho do seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade” (página oficial do exército brasileiro).

Com a “libertação” da cidade, sua população passou a considerar os brasileiros como heróis, estes além de seu trabalho militar, alimentaram a população que passava fome com o restante de seus estoques, a página de cultura italiana no Brasil, Associação Bell” Itália, aponta que anualmente acontece a Festa Della Liberazione para comemorar a retirada dos alemães e durante a festa as crianças cantam o hino da FEB. A cidade também possui um museu com algumas salas dedicadas aos brasileiros e uma praça chamada Piazza Brasili como uma forma de homenagem.

A invasão bem-sucedida eleva a moral da tropa, assim como ressignifica o papel da FEB aos olhos de todo o exército Aliado, porém a batalha mais sangrenta da operação rendeu muitas perdas, em três dias cerca de 453 baixas, em comparação a 10 que apenas no primeiro dia teve 533 mortos (BONALUME NETO, 2021).

Com a tomada da cidade e o sucesso da ofensiva da primavera em todos os seus ataques, como a tomada de Bolonha no dia 20, a linha defensiva alemã foi quebrada e a partir deste momento, os inimigos partem em retirada e em fuga. Os brasileiros foram encarregados de prosseguir até a região de Vignolia.

No dia 26 de abril, os brasileiros chegaram a localidade de Collecchio, na qual perseguiram o inimigo em confronto e saíram vitoriosos, com 588 prisioneiros, estes passaram a informação que haviam soldados alemães, por volta de 4000 nas proximidades. Logo iniciou-se a procura, os prisioneiros estavam corretos, em Fornovo di taro encontrava-se o inimigo, porém o número de soldados era aproximadamente de 15.000 homens (Gondim, 2003). O comando brasileiro então, contatou o Padre Alexandro Cavalli, para que levasse aos alemães a proposta de rendição em uma carta, na qual estava escrito:

Ao comando da tropa sitiada na região de Fornovo di Taro: para poupar sacrifícios inúteis de vidas, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao comando das tropas regulares do Exército brasileiro que estão prontas para vos atacar. Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada. Quem vos intima é o comandante da vanguarda da divisão brasileira que vos cerca. Aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta ao presente ultimato. (a) Nelson de Melo, Coronel Cmt.

Fonte: BRASIL. **O exército brasileiro na segunda guerra mundial**. Brasília: Ministério da Defesa. Disponível em: [http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p\\_p\\_id=101&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=maximized&p\\_p\\_mode=view&\\_101\\_struts\\_action=/asset\\_publisher/view\\_content&\\_101\\_assetEntryId=1556825&\\_101\\_type=content&\\_101\\_urlTitle=o-exercito-brasileiro-na-segunda-guerra-mundial&inheritRedirect=true](http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=/asset_publisher/view_content&_101_assetEntryId=1556825&_101_type=content&_101_urlTitle=o-exercito-brasileiro-na-segunda-guerra-mundial&inheritRedirect=true). Acesso em: 10 de out. 2022

A carta devolvida ao padre para os brasileiros consta “a resposta seguirá após ser fornecida alguma indicação do comando superior. (a) Major Kuhn, Ch EM/148ª DI.”, e, com a decisão imprecisa a FEB iniciou o ataque. Mais tarde durante aquela noite, alguns generais vieram até a frente brasileira, inclusive o Major Kuhn, com o intuito de negociar a rendição, pedindo primeiramente o socorro médico imediato aos soldados feridos e doentes. Na manhã seguinte, ocorreu a rendição e os soldados se renderam em fila, marchando e fazendo continência.

Mais ao final do dia, apresentam-se a rendição soldados de alto patente, como o General italiano Mario Carloni, acompanhado de 18 oficiais, e por fim, o chefe da 148, General Otto Fratter Pico, também acompanhado de 31 de seus oficiais. O ocorrido foi muito relevante e chamou a atenção de todo o restante do V exército, a foto a seguir mostra o General alemão em seu momento de rendição aos brasileiros, a fotografia carrega imenso peso significativo para a história da FEB, já que o momento registrado é o ápice da trajetória brasileira na guerra da Itália.

**Figura 9 - A rendição**

Fonte: EXÉRTIO BRASILEIRO. Rendição da 148 DI A FEB. Disponível em: [https://www.eb.mil.br/web/noticias/alusivos-e-ordem-do-dia/-/asset\\_publisher/QKzf8DsobUm1/content/rendicao-da-148-di-a-forca-expedicionaria-brasilei-1](https://www.eb.mil.br/web/noticias/alusivos-e-ordem-do-dia/-/asset_publisher/QKzf8DsobUm1/content/rendicao-da-148-di-a-forca-expedicionaria-brasilei-1). Acesso em: 03 out. 2022

Concomitante às atividades da FEB, no dia 28 de abril de 1945, Benito Mussolini foi assassinado e o sucesso das operações Aliadas na Itália cercaram os alemães de maneira efetiva, assim como os italianos revoltosos que ainda resistiam ao lutar ao lado do governo fascista do Duce. Além do mais, a população italiana revoltada contra o seu governo também estava em perseguição ao ditador. A opção do líder foi fugir do país, mas sem sucesso, ele e a esposa foram capturados pelo próprio povo italiano, sendo linchados e fuzilados, posteriormente os corpos foram levados até a capital Milão, onde passaram vários dias pendurados de ponta cabeça em praça pública. A antiga população que apoiou o líder, foi a mesma responsável por sua morte.

A essa altura a guerra para Hitler já estava perdida e o seu exército não tinha mais forças, e até crianças e idosos eram colocados na linha de frente para o combate. O historiador Eric Hobsbawm mostra como o nazista pretendia com a Operação Barbarossa, e posteriormente, Stalingrado, travar uma guerra rápida contra a União Soviética, o que não aconteceu. Além disso, o dia D, planejado pelos Aliados, enfraqueceu mais uma vez a força de Hitler. Com o avanço das frentes Aliadas, os alemães encontram-se aos meses finais da guerra, totalmente cercados.

Como forma de vingança aos ataques alemães, Stalin dominava quase todo o território da Alemanha, e ao final de agosto chegou à capital Berlim. A conquista da cidade era vista como uma forma de vingança. Com a derrota iminente, no dia 30 de abril de 1945, dentro de um bunker, Hitler e sua esposa cometeram suicídio. Assim como Hitler, grande parte do alto escalão de seu partido também cometeu suicídio, muitos por cianureto.

Com a morte de seu líder, o exército alemão desmoronou, em 2 de maio a bandeira da União Soviética foi hasteada sobre o Reichstag, prédio onde funcionava o antigo parlamento alemão. No mesmo dia, a guerra também acabava para os brasileiros, com a rendição das forças alemãs na Itália. Alguns dias depois, no dia 8 de maio, em Reims, na França, o General Gustav (chefe alemão após a morte de Hitler), assinou a rendição incondicional da Alemanha. A guerra neste momento acabava na Europa.

Com o final da guerra na frente ocidental, acabaram os esforços da FEB na Itália e a partir do mês de julho, se iniciava a viagem de volta dos brasileiros para casa, feita de forma gradual. Parte do mundo comemorava o final da guerra com fervor e não seria diferente na pequena cidade de Brodowski, interior de São Paulo, que havia enviado dez expedicionários para a guerra. Com a notícia do fim do conflito na Itália, os moradores saíram para as ruas para comemorar e com a chegada de oito deles – como por exemplo, o senhor Antonio Puga (figura 10) – a cidade no final de agosto, as homenagens começaram, com bandas, missas, passeatas e discursos.

**Figura 10 - Expedicionário brodowskiano Antonio Puga, soldado do 6RI**



Fonte: Material cedido pela família Puga.

A Segunda Grande Guerra matou aproximadamente cinquenta milhões de pessoas, sendo um dos acontecimentos mais cruéis e mortais da história da humanidade, revelando ao mundo a capacidade de crueldade do homem. A quantidade de brasileiros mortos em guerra varia muito de acordo com as fontes, segundo o US. Army, a FEB perdeu 465 homens, sendo 444 praças, 13 oficiais, 35 foram feitos prisioneiros dos alemães, 2.772 feridos (sendo 13 por cento com ferimentos que causaram incapacidade e lesões sem retorno) e oito pilotos da FAB também vieram a óbito (UNITED STATES. Army,1945). Os corpos foram sepultados no Cemitério da cidade de Pistoia, na Itália.

A presente pesquisa teve a intenção de demonstrar a participação do exército brasileiro no conflito mundial, com acertos e erros, práticas cotidianas de pessoas não conhecidas, mas as quais, mesmo em meio às adversidades, puderam ajudar a edificar a história que nos permeia até os dias atuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Segunda Guerra Mundial foi extremamente cruel, sangrenta e radical, atingindo grande parte dos países do globo, de forma direta ou indireta, quer eles queiram ou não, a destruição causada chegou a todos, mesmo que de forma não física. O mundo foi abalado amplamente pelo conflito, que modificou fronteiras, culturas, modos de vida, perspectivas e geopolítica. O início da guerra trouxe consigo a ascensão de governos totalitários nazifascistas, assim como o terror vivido pelo antissemitismo e o Holocausto, armas de destruição em massa, novas táticas militares e extrema crueldade. O conflito gerou memórias que não vão ser apagadas da história.

Quanto à entrada brasileira no conflito, o presidente Getúlio Vargas, em sua jogada geopolítica, aproximou-se de Estados Unidos e Alemanha, porém percebeu-se que Vargas era ideologicamente alinhado aos países do Eixo, porém por pressões internacionais e ameaças políticas por parte dos norte-americanos, o presidente cedeu. Com os ataques alemães a navios brasileiros, Vargas decidiu sua posição durante a guerra, a qual, era de grande interesse do presidente, de forma a amenizar a situação interna caótica do país.

Com o estado de beligerância, o país passou a criar uma força expedicionária (1943), que em grande parte era composta por reservistas, a convocação dos soldados foi complicada por conta das grandes exigências apresentadas pelo modelo de guerra do exército norte-americano, não havia pessoas especializadas para muitos dos cargos exigidos.

Grande parte dos recrutados nunca haviam saído do país, visto a neve e presenciado baixas temperaturas; e só haviam utilizado armamento rudimentar. Com a chegada à Itália, receberam seus instrumentos de combate, armas modernas, extremamente tecnológica e de difícil manuseio; o segundo e o terceiro escalões de embarque, não possuíram tempo o suficiente de treinamento com esse armamento antes de entrar em campo de batalha.

O governo brasileiro enviou para a guerra pessoas que, em sua maioria, nunca haviam tido contato com o mundo militar, muito menos com armas pesadas e circunstâncias de conflito. Os brasileiros da FEB tinham a função então de travar batalhas contra a maior força bélica da época, a Alemanha, amplamente treinada, experiente e com armas nunca vistas antes.

Além do inimigo com alto grau de especialização e agressividade, os soldados da FEB ainda sofreram com outros fatores em campo de batalha, como as falhas na logística, falta de comida, água, pouca quantidade de munição disponível para cada homem, questões quanto a inexperiência, altitude, clima e adaptação. Além do mais ocorreram momentos de falta de organização e erro nos comandos de alto escalão.

Mesmo com todos os problemas que a FEB enfrentou, os brasileiros tiveram uma atuação exemplar em campo de batalha, atingindo todos os seus objetivos, e em casos com a rendição de Fornovo e a tomada da cidade de Montese, os brasileiros foram elogiados e reconhecidos pelo alto comando do IV corpo. Em batalhas, as quais os brasileiros tiveram maiores dificuldades, como a conquista de Monte Castelo, estas foram acarretadas por problemas técnicos e de comando, e não se refere diretamente à ação dos soldados.

A presença do Brasil no teatro de operações italiano, ao contrário do que muito se diz, teve significativa importância para o desfecho da guerra na Itália, mesmo que, lutando de forma “coadjuvante”, os brasileiros em grande parte dos casos analisados foram responsáveis por facilitar e reforçar as ações dos Aliados, principalmente da 10ª Divisão de Montanha, em uma ação conjunta, de forma a expulsar os alemães presentes e conquistar localidades estratégicas.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BELL’ITALIA. **Montese, a cidade italiana homenageia os heróis da FEB (Força Expedicionária Brasileira)**. 2019. Disponível em: <https://www.bellitalia.org.br/montese-a-cidade-italiana-homenageia-os-herois-da-feb-forca-expedicionaria-brasileira>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- ARRUDA, Domócrita Cavalcante. **A FEB chega à linha Gótica**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132645> Acesso em: 10 maio. 2022.
- BARONE, João. **1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida**. 2 ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.
- BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate 1942-1945**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- EXÉRCITO BRASILEIRO. **O exército brasileiro na segunda guerra mundial**. 2021. Disponível em: [http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p\\_p\\_id=101&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=maximized&p\\_p\\_mode=view&\\_101\\_struts\\_action=/asset\\_publisher/view\\_content&\\_101\\_assetEntryId=1556825&\\_101\\_type=content&\\_101\\_urlTitle=o-exercito-brasileiro-na-segunda-guerra-mundial&inheritRedirect=true](http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=/asset_publisher/view_content&_101_assetEntryId=1556825&_101_type=content&_101_urlTitle=o-exercito-brasileiro-na-segunda-guerra-mundial&inheritRedirect=true). Acesso em: 01 de ago. 2022.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CORRÊA, Ariovaldo. **Brodowski – Minha terra e minha gente**. São Paulo: Pannartz, 1986.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**. República – Memórias (1889-1950). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017. v.3.
- FÁVERI, Marlene de. A repressão no governo Vargas e as medidas coercitivas aos simpatizantes do eixo durante a segunda guerra mundial. **Cena Internacional**. v. 8, n. 2, p. 193-216, 2006.
- GONDIM, Zaira Carla Alves. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: a atuação da FEB**. 2004. 50 f. TCC (Graduação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (Departamento de História), Natal, 2004. Disponível em: <http://www.edufrn.ufrrn.br/bitstream/123456789/369/1/O%20BRASIL%20E%20A%20SEGUNDA%20GUERRA%20MUNDIAL-A%20ATUA%20C3%87%20C3%83O%20DA%20FEB.pdf>. Acesso em: 20. dez. 2021.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. VAINFAS, Ronaldo. Os protagonistas anônimos da História: micro-história. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 23, n. 45, p. 317-318, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/dmSRK6jyKvcZVzNrT8mDzBN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10. out. 2022.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, João Marcos Passos dos. **A historicidade da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial**. In: Revista Digital Simonsen, N10, maio, 2019. Disponível em: [www.simonsen.br/revistasimonsen](http://www.simonsen.br/revistasimonsen). ISS: 2446-5941.

SANTOS, Anderson dos. **O Brasil em Guerra: a FEB na Itália**. Disponível em: <http://www.joinville.ifsc.edu.br/~anderson.santos/Grade%202011/Hist%C3%B3ria%20IV/Aulas/Aula%208%20-%20Segunda%20Guerra%20Mundial%20-%201939-1945/Texto%203%20-%20O%20Brasil%20em%20Guerra%20-%20a%20FEB%20na%20It%C3%A1lia%20-%201944-45%20-%20SANTOS,%20Anderson%20dos.pdf>. Acesso em: 11. maio. 2022.

SAVIAN, Elonir, José. **A FEB pelos pracinhas: percepções de militares de baixo grau na segunda guerra mundial**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos [...] Florianópolis, 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438550799\\_ARQUIVO\\_artigoelonirjosesavianSNH20152agosto.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438550799_ARQUIVO_artigoelonirjosesavianSNH20152agosto.pdf). Acesso em: 15 jan. 2022.

SAVIAN, Elonir, José. **A operação encore e a conquista de Monte Castello: análise da relevância das ações da força expedicionária brasileira no âmbito do XV grupo de exércitos aliados**. In: XXIX Simpósio Nacional de História, 2017, Brasília. Anais eletrônicos [...] Brasília, 2017. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488391055\\_ARQUIVO\\_ArtigoElonirJoseSavian.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488391055_ARQUIVO_ArtigoElonirJoseSavian.pdf). Acesso em: 05 jul. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma bibliografia**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial**. São Paulo: Nacional, 1985.

WOLOSZYN, André Luís. Aspectos e mitos da atuação da FEB na Itália. **Informativo O Tuiuti – Academia de História Militar Terrestre do Brasil**. Rio Grande do Sul. n. 376, p. 1-14, 2021.